



Biograph



O CAMINHO DA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: UM PERCURSO SINGULAR DE FORMAÇÃO

Ana Luiza Grillo Balassiano

(LER/Proped/UERJ. EXPERICE/Paris13)

grillobalassiano@uol.com.br

Introdução

A pesquisa biográfica tem por objetivo compreender os fenômenos a partir do significado atribuído por cada indivíduo. Esta operação percebe o indivíduo como um ser social singular que se constitui na perspectiva de suas próprias interpretações do “mundo vivido”. Portanto, o indivíduo dá forma as suas experiências por uma atividade incessante de interpretação e de configuração de seu “mundo vivido”. A pesquisa biográfica considera o homem como uma pessoa autônoma que exprime sua experiência pela sua narrativa, no momento de sua enunciação.

A noção de experiência na perspectiva biográfica se contrapondo ao conceito de *habitus* de Bordieu compreende que a atividade de biografar conduz a descoberta da subjetividade, ou seja, da relação singular do indivíduo com o “mundo real”. A noção de experiência “pode ser uma emoção, um sentimento que ocasiona no indivíduo uma subjetividade pessoal e uma atividade cognitiva, uma experiência real pelo ator” (Dubet, 1994, p.273).

O projeto epistemológico da perspectiva biográfica

O projeto fundador da pesquisa biográfica visa responder a constituição do indivíduo enquanto indivíduo social e singular. É uma das questões da antropologia social. Tal

questão evoca uma serie de questões que representam as relações entre o individuo e suas inscrições históricas, socioculturais, lingüísticas, econômicas e políticas.

O objeto da pesquisa biográfica se faz pela exploração de processos incessantes de constituição recíproca do individuo no centro do espaço social. Sinaliza também para como cada individuo dá forma as suas experiências, dá um sentido as situações e aos acontecimentos de sua existência.

O objeto da pesquisa está também em conjugação com o modo pelo qual o individuo contribui a produzir, reproduzir e faz existir a realidade social. Esta ação se faz através de códigos, de representações de figuras do discurso e de outros lugares culturais e sociais que o individuo configura nas suas experiências biográficas. Como observa Delory-Momberger (2003; 2005; 2010) a pesquisa biográfica é o “estudo dos modos de constituição do individuo enquanto um ser social singular”. (p.132) A pesquisa biográfica é, por fim, o estudo – a aprendizagem de uma singularidade social.

A temporalidade da experiência se constitui como uma particularidade da pesquisa que a diferencia dos outros aportes, em particular os sociológicos. Esta dimensão se percebe quando a pesquisa inscreve a dimensão temporal na interface do individual com o social. A pesquisa biográfica percebe como a inscrição singular da experiência individual em um tempo biográfico é a origem de uma percepção e de uma elaboração singular dos espaços sociais.

Nessa perspectiva, os indivíduos organizam e constroem a experiência segundo uma lógica de narrativa de inteligibilidade, ou seja, dentro de uma razão narrativa.

A pesquisa biográfica: a questão metodológica

O material biográfico

Mais uma vez, enfatizamos que o objeto conceitual da pesquisa biográfica é o individuo como um ser social-singular, biográfico e que tem sua própria experiência, uma “experiência interna” do que tem significado. E ai cabe uma questão: Como encontrar o material da pesquisa? O material é um conjunto de atos de biografização dos indivíduos que se apresentam de múltiplos modos, mas a mais corrente é a da palavra de si, em especial a narrativa de si. (récit de soi). A narrativa de si se constituiu da interpretação de um dado contexto, fazendo “apelo aos sistemas de signos os mais elaborados e o melhor compartilhado numa comunidade lingüística dada (Delory –Momberger, 2010,

p.3). A palavra designa múltiplas formas de discurso: descritivo, explicativo, argumentativa, etc. A pesquisa biográfica privilegia a narrativa no ato da enunciação.

A construção do material biográfico

A construção do material biográfico na pesquisa (auto)biográfica, ou seja, os atos de biografização do indivíduo só pode ser abarcado pelo pesquisador no momento de sua enunciação, no tempo da “contação” da sua narrativa, na entrevista. O fazer da entrevista, nesse sentido, tem por objetivo: escutar e recolher, a singularidade da fala do indivíduo. Esse modo de entrevista procura compreender a configuração singular dos fatos, das situações, dos significados, e das interpretações que cada um dá a sua própria existência, ao seu vivido. A palavra, nesse sentido, se inscreve em uma história social e política, e se constitui das representações e de outros discursos que são em cada um incorporados ao longo do espaço-tempo vivido e significado.

Perseguir a singularidade da existência corrobora para a compreensão da entrevista – narrativa como um duplo processo heurístico que afeta tanto o pesquisador como o entrevistado. Nesse sentido, o entrevistado se coloca no lugar de um entrevistador de si mesmo. Já o lugar do entrevistador é aquele de criar as condições de compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo. Esta situação é a gênese de outras tantas questões sobre a compreensão do que e quem se procura interrogar. Delory-Momberger (2013) se pergunta sobre o pertencimento, a identidade daquele que interroga. Quem é assim aquele que interroga, quem narra ou quem escuta? Aquele que faz sua fala ou aquele que recolhe os fragmentos? Para responder, a autora observa que trabalhar na perspectiva da pesquisa biográfica, suscita seguir a ação de “seguir os atores”. O que reside na idéia de que o pesquisador, nesse modo de fazer, se afeta em compreender os modos de constituição do “mundo interior do mundo exterior”, a apropriação pelo indivíduo dos “lugares” onde ele se inscreve. Nesse sentido, o pesquisador (re) configura as escutas relacionada também a sua condição de indivíduo social e singular. Vale sinalizar, que a narrativa é uma construção singular de um tempo passado, narrado pelo autor. assim, não é o passado e sim o significado dado pelo autor de sua própria história, no momento da enunciação. Essa construção não é fixa e sim o sentido do vivido de cada um se (re) configura a partir de um novo olhar que se constrói a cada momento da existência humana.

Desse modo, para Delory-Momberger (2003) narrar sua própria história, é o modo pelo qual cada um percebe sua própria existência. Assim, não se conta porque se tem uma história, mas se tem uma história porque se narra essa história. A atividade de: escolher, negociar, interpretar, de querer dizer isso ao invés daquilo corresponde à um olhar singular. E cada um se torna, nesse processo, sujeito de sua própria história.

O caminho da pesquisa: um “percurso” pessoal

Aprendizagem: uma construção reflexiva

Antes de explicar o caminho da pesquisa no percurso pessoal, parece importante enfatizar certos pontos que ao longo da pesquisa foram elaborados como um trabalho de construção reflexiva do meu próprio conhecimento teórico sobre a pesquisa biográfica. (Balassiano, 2014).

O primeiro ponto observa a tradição fenomenológica hermenêutica da pesquisa biográfica. Num sentido mais amplo, a hermenêutica é uma teoria da interpretação dos sinais como elementos simbólicos de uma cultura. Ou seja, interpretar e dar sentido constitui-se em uma ação central da pesquisa. A Fenomenologia vem especialmente da obra de Alfred Schütz quando observa como os indivíduos constroem e reconstruem o "mundo da vida". Segundo este autor, para entender o indivíduo, é necessário compreender os meios pelos quais ele significa o "mundo da vida".

O material da pesquisa biográfica se constitui de atos biográficos que cada indivíduo do grupo (escolhido pelo investigador) põe a disposição para análise. E a partir da tradição fenomenológica hermenêutica, esses atos biográficos representam o sentido, a interpretação que cada um dá as suas experiências vividas. Tudo esse conjunto é trabalhado não como um conjunto de dados à analisar, mas como uma perspectiva intimamente relacionada com a compreensão do indivíduo como um indivíduo singular e social, que dá sentido às suas experiências, a partir de um movimento interno de interpretações de seu "mundo vivido".

O segundo ponto diz respeito à compreensão do que vem a ser a constituição do indivíduo pelo olhar da pesquisa biográfica. O indivíduo é um ser social, mas também é um ser singular. Esta singularidade permite ao homem criar, refletir, interpretar e questionar o significado da sua existência.

Desta forma, a perspectiva biográfica observa as possibilidades de compreender como cada um de nós se reporta a uma situação de si mesmo e de sua história: como nós biografamos o "lugar" e o momento. (Delory-Momberger, 2009).

Neste sentido, o espaço do biográfico se complexifica na orientação e na dimensão temporal do termo. "Ele não é limitado a visão única e retrospectiva de rememoração do passado, ele é também o modelo de inteligibilidade da experiência" (p.34). Esta abordagem destaca a dimensão socializante da atividade biográfica. O indivíduo realiza tal atividade, e, ele se compreende no mundo social onde ele se insere. Dessa forma, as histórias que contamos sobre nós mesmos, ou seja, a história mais recente ou aquelas que se referem ao passado distante, nos permite articular nosso espaço-tempo individual com o espaço-tempo social. Construção que só é possível pela sequência narrativa, as quais construímos no momento da enunciação.

Na pesquisa realizada, buscamos compreender qual o sentido que os antigos alunos dão as suas experiências escolares, em particular na "confrontação-contato" com o outro. O "mundo da escola" aqui representado pelo lugar das relações é o do Liceu Franco-Brasileiro. Escola centenária que até o ano de 1982 funcionava com duas seções: uma brasileira e outra francesa. Duas escolas, duas culturas num espaço de convivência compartilhado nos tempos escolares fora da sala de aula.

O caminho da pesquisa: percurso singular do pesquisador

Trabalhar a perspectiva da pesquisa biográfica no meu percurso profissional e pessoal e equipe me fez desenvolver uma série de reflexões sobre o meu próprio fazer ao longo dos anos de pesquisa. Viver em "dois mundos", sugere reconhecer e integrar (ou não) outras realidades, outras lógicas. Essa problemática me acompanhou o tempo todo, quer ouvindo as histórias de ex-alunos, quer no meu lugar de reflexão no espaço-tempo da atividade acadêmica.

Em primeiro lugar, destaco meu pertencimento acadêmico-profissional na instituição, enquanto responsável pelo Centro de Documentação e Memória. A organização e coordenação do CDM foram desenvolvidos a partir da pesquisa realizada nos arquivos escolares iniciadas no ano de 2008. Arquivo este que me suscitou indagações dez anos antes quando pesquisava sobre a arquitetura dos liceus no seu projeto modelar de uma escola francesa.

Outro ponto em destaque está intimamente relacionado com minhas experiências como um ex-aluno da Aliança Francesa do Rio nas 1969-1980 anos. Durante estes mais de dez anos como estudante da Aliança Francesa, participei de atividades culturais no Liceu com o grupo da seção francesa. E, nesse sentido, posso dizer que eu também tenho uma relação de formação com esta instituição na minha jornada de vida.

Além disso, esta escola foi a escola que escolhi para a educação dos meus dois filhos. E escolher o Liceu entre outras instituições educacionais foi estreitamente relacionadas com duas questões: o seu projecto de uma instituição laica e seu peretencimento cultural e linguístico com o idioma francês.

A pesquisa tratando de um “mundo da escola” onde se congregava pelo menos duas culturas escolares (a francesa e a brasileira) com todas as especificidades dos contextos micro e macro de cada uma , onde a circularidade de alunos e professores transitava de um para outro universo, onde a lingua fora da interior da sala de aula, não era nem francês, nem português mas sim a lingua que permitia a troca, a “confrontação-contato” com o outro contribuiu para a discussão de espaços de aprendizagem intercultural no Brasil, na França e, por vezes, a outras culturas que não são os de aqui nem o de lá.

Assim, o significado da experiencia intercultural foi uma das marcas centrais da pesquisa. De um ponto de vista pessoal, foi também um espaço-tempo cruzado. Em Paris, eu apreendia a olhar, conviver e trocar com outras culturas, outras pessoas. Vivía, assim, a experiencia da confrontação-contato. No percurso academico, convier, ler, debater escrever e em fim pensar não na sua lingua materna, é um aprendizado intercultural vivido intensamente durante a pesquisa. E na chegada ao Rio, momentos vivenciado como estrangeiro. Carrega-se, assim, lugares e afetos que experimentamos com um olhar cruzado. Nesse sentido, perceber as relações que se inter cruzavam no “mundo da escola” num fazer academico que se insere no fazer e experiencia do vivido cruzado de culturas contribuiu para um aprendizado e formação de minhas proprias indagações e reflexões sobre o oficio do pesquisador.

Assim, destaco o caminho da pesquisa como um caminho de formação a partir do olhar para o oficio do pesquisador da pesquisa biográfica, que olha para como cada individuo dá forma as suas experiências, dá um sentido as situações e aos acontecimentos de sua existência. Nessa perspectiva, o pesquisador no seu processo de pesquisa não o entende

como algo externo a si próprio, mas como um momento mais alargado ou não de sua existência, e afetação do “ mundo vivido”.

O caminho metodológico da pesquisa

A escolha e constituição do grupo entrevistado

Quem, como e quando escolher os antigos alunos, foi uma questão central naquele momento. A escolha não foi feita a priori, foi feita a medida que foram emergindo questionamentos durante o aprofundamento das análises das fontes de referência, particularmente aquela evidenciada pelo livro de registro de entrada dos alunos. Dos livros de entrada dos alunos, percebi um contexto muito diferente desses alunos. A primeira distinção se dá pela seção. Alguns dos antigos alunos são da seção francesa, outros da seção brasileira. A seção francesa, apresenta uma pluralidade cultural enorme, evidenciada sobretudo no período entre as guerras, quando a escola recebe muitos imigrantes. Neste sentido, fica evidente a diversidade de pertencimentos entre os alunos. Na escolha do grupo de antigos-alunos do Liceu foi intenção criar um conjunto que apresentasse uma diversidade que mais se aproximasse daquela encontrada nos livros de registro. Porém, as escolhas se relacionaram a condições dos limites que perpassam uma investigação histórica. A seleção, o reconhecimento, a localização de cada uma das pessoas, as possibilidades de entrevistar ou não, a vontade de aceitar fazer parte do estudo e contribuir com suas histórias são percursos da criação do grupo de possíveis entrevistados.

Trabalho que exige esforço e tempo para estabelecer um conjunto de pessoas que melhor representasse a diversidade marcada pelos registros de entrada. Outro grupo importante foi o constituído por conversas informais o qual chamamos de “grupo de apoio”. A escuta desses antigos alunos que por uma razão ou outra retornam a escola em são recebidos no CDM da Instituição proporcionou um verdadeiro laboratório de imersão nas histórias contadas. Assim, na busca dos entrevistados o CDM foi o lugar desses encontros para aqueles que por lá chegavam, além da procura daqueles que me pareciam importantes pelos seus pertencimentos fui em busca de nomes e sobrenomes, e de lugares que pudessem de algum modo me apresentar esse ou aquele antigo aluno. Fui perseguindo possíveis caminhos, instituições, lugares possíveis dessas pessoas. Na busca dos estrangeiros o contato com o Departamento de Migração do Consulado da

França no Rio de Janeiro, me indicou sites e redes de sociabilidade de antigos alunos dos Liceus. O que me permitiu o contato com um grupo de ex-alunos que residem na França e depois de contatos via email, trocas de conversas e fotos, cheguei a marcar três entrevistas.

O grupo de seis pessoas foi compartilhado entre os antigos-alunos da seção francesa e da seção brasileira, priorizando marcar décadas diversas abarcando diversas temporalidades. Deste grupo três entrevistados eram da seção francesa, dois franceses e um estrangeiro. E outros três eram da seção brasileira, o filho de estrangeiros migrantes. Observando situação familiar, este grupo relatou o filho de diplomatas franceses e representantes da Aliança Francesa (década 1950-1960), filho de empresários de sucesso (década 1920-1930), filho de lojistas carioca da classe média (1940-1950-1960 décadas). A divulgação da identidade do grupo de entrevistados ou a gravação das mesmas não foi permitida por alguns, por causa da posição social das famílias. Assim, as entrevistas foram transcritas e a história de cada um dos entrevistados foi reconfigurada.

Do primeiro encontro, na maioria das vezes por email até o encontro físico foi um processo de conhecimento, de trocas, de afeto e emoção individualizado. O documento de apresentação do que pretendia escrito em francês e Português tinha inicialmente minhas identificações pessoais e identificações da pesquisa realizada na Universidade de Paris 13 / Norte. Em segundo lugar, destacava os objetivos da entrevista a partir da perspectiva de uma pesquisa biográfica como metodologia do estudo. Em terceiro lugar, acordava os pontos solicitados, como por exemplo: não gravar, ou fotografar. Em resumo, o documento explica uma breve apresentação da pesquisa para obter o consentimento das pessoas para participarem da pesquisa narrando suas histórias.

Foram aproximadamente dois anos (2009-2011) o tempo do processo que se inicia com as escolhas até as entrevistas com o grupo de seis antigos alunos (brasileiros, franceses e egípcios).

Notas de reflexão

O espaço vivido, o espaço das relações no estudo compreendido a partir do “mundo da escola”, da confrontação – contato com o outro na perspectiva da pesquisa biográfica nos possibilitou trabalhar num espaço-tempo de formação intercultural. Tal como os

antigos alunos, o fazer da pesquisa sinalizou para uma circulação de um lugar ao outro. E nesse percurso em direção a códigos, regras, leituras, espaços de pesquisa e encontros individualizados se tornou um espaço de formação intercultural pelo significado da experiência vivida durante o espaço-tempo do processo investigativo. Nesse sentido, a pesquisa biográfica ao buscar a compreensão, o significado das singularidades e compreendendo que cada um é um ser singular e social (re)significa o percurso da pesquisa num percurso de formação do próprio pesquisador durante seu ofício criativo e reflexivo.

Bibliografia:

Balassiano, Ana luiza Grillo. (2014). Le Lycée Franco-brésilien de Rio de Janeiro :histoire d'un projet interculturel. *Thèse de doctorat*. Université de Paris 13 Sorbinne. Paris Cité.

Delory-Momberger C. (2013). *La mise en récit de soi. Place de la recherche biographique dans les sciences humaines et sociales*. (en coll. avec Christophe Niewiadomski).Lille : Presses Universitaires du Septentrion.

Delory-Momberger, C. (2010, 13-16 septembre). *Le biographie:quell espace de recherche dans les sciences de l'éducation*. Communication présentée au Congrès international de l'AREF : Actualité de la Recherche en Education et en Formation. Faculté de psychologie et des sciences de l'éducation, Université de Genève.

Delory-Momberger, C. (2009). *La Condition biographique. essais sur le récit de soi dans la modernité avancée*. Paris :Téraèdre.

Delory-Momberger, C. (2009). *Biografia e Education. figuras del individuo-proyecto*. Buenos Aires: Editorial da la Facultad de Filosofia y Letras Universidad de Buenos Aires.

Delory-Momberger, C. (2005). *Histoires de vie et recherche biographique en éducation*. Paris :Anthropos.

Delory-Momberger, C. (2003). *Biographie et éducation. Figures de l'individu-projet*. Paris :Anthropos

Dubet, F. (1994). *Sociologie de l'expérience*. Paris :Seuil